



Terrenos vulcânicos DOLF OEHLER

Marcos Antonio de Menezes*

Terrenos vulcânicos

Dolf Oehler**

Tradução: Samuel Titan Jr., Márcio Suzuki, Luís Repa e José Bento Ferreira. São Paulo: Cosac & Naify, 2004, 253 p.

O livro *Terrenos vulcânicos* de Dolf Oehler reúne, sob a batuta do crítico brasileiro Roberto Schwarz – a quem é dedicado – alguns textos da vasta produção de Oehler sobre as artes francesas na primeira metade do século XIX. Oehler está particularmente preocupado em interpretar, ou melhor, reinterpretar os clássicos desse período, como os escritos de Charles Baudelaire, Gustave Flaubert, Heinrich Heine e os trabalhos do caricaturista Honoré Daumier – artistas que, segundo o autor, produziram o melhor de suas obras sob o impacto da derrota da Revolução de 1848. Ele investiga a correspondência entre substrato social e estrutura psíquica das personagens criadas no período por esses artistas singulares.

Formado, à primeira vista, por textos esparsos, a unidade do livro não é comprometida e pode ser percebida já em uma primeira leitura. O fio de Ariadne é a revolução parisiense de 1848 que, no conjunto dos ensaios, traz à tona os temas que compõem o campo da “semântica de 1848”, para a qual o autor se volta na perspectiva benjaminiana de dar voz aos vencidos da história. Para tal, o debate privilegiado é com as obras de Baudelaire, Flaubert e Heine, o que muitas vezes o leva a esbarrões com as análises .de. seus .mestres .antecessores,. Theodor W. Adorno, Walter Benjamin e Jean-Paul Sartre, este último, o mais questionado, apesar de Oehler reconhecê-lo como o único crítico a ter observado sistematicamente a relação entre literatura e burguesia no século XIX, análise que teria sido feita em *Le idiot de famille* e *Baudelaire*, obras em que Sartre discute as criações de Flaubert e Baudelaire, respectivamente.

Para Oehler, Sartre teria classificado erroneamente de *art-névrose* os trabalhos de Flaubert, Baudelaire, Théophile Gautier, Leconte de Lisle, Théodore Banville, os dos irmãos Goncourt e até os de Stéphane Mallarmé. Oehler discorda dessa amplitude e afirma que Sartre não se dera conta de que a correlação *entre patologia individual e social já desempenha um papel na concepção e produção das obras da art-névrose, e não apenas em sua recepção* (p. 39). Para ele, após 1848, escritores tais como Flaubert e Baudelaire, representantes da *art-névrose*, ao analisarem

* É jornalista, doutor em História pela UFPR e professor do Centro de Ensino Superior de Catalão/Cesuc. Autor de *Olhares sobre a cidade: narrativas poéticas das metrópoles contemporâneas*. São Paulo: Cone Sul, 2000. pitymenezes@aol.com

** Dolf Oehler é professor de literatura francesa comparada na Universidade de Bonn, Alemanha. Alguns dos textos reunidos em *Terrenos vulcânicos*, escritos entre 1970 e 1980, já são conhecidos do público brasileiro, como é o caso de *Um socialista hermético*, publicado em 1998 pela revista *Praga*, e *Art-Névrose*, que saiu em 1992 na revista *Estudos Cebap*. Em 1997 publicou pela Companhia das Letras *Quadros parisienses*, e, em 1999, pela mesma editora, *O velho mundo desce aos infernos*.

seu próprio malogro no contexto do fracasso da revolução conseguem (no que não se acham sozinhos) redescobrir, nas formas de conduta de pessoas engajadas de sua geração e classe, elementos essenciais de sua própria neurose, aos quais tornam tendencialmente responsáveis pela catástrofe histórica. Isso quer dizer que descobrem a (relativa) universalidade e representatividade de sua própria estrutura psíquica, bem como sua ressonância política no âmbito dos acontecimentos de 1848 e 1851 (p. 40).

Isto os capacita para driblar a censura do *Second Empire*, travestir, em seus textos, os temas-tabu da recente história francesa na forma de relatos românticos ou poéticos, confissões, tocando o ponto nevrálgico dessa sociedade por meio da exposição de paixões privadas, aparentemente isoladas, de heróis exóticos, excêntricos ou anacrônicos (p. 40).

Profundo conhecedor da história e da literatura francesas do século XIX, mas com a atenção sempre voltada para a produção literária da década de 1840, período das revoltas parisienses de 1848, Oehler nos revela seu método de investigação que pode ensinar não somente ao crítico literário, mas também ao historiador. O ensaio *O caráter duplo do heroísmo e do belo modernos* é uma aula de como o pesquisador deve tratar suas fontes.

Contra a tentativa de se explicar a obra literária, o documento, dando ênfase na biografia de seu criador, Oehler adverte: *a literatura vale pelo que é, não pela biografia mais ou menos acidentada dos que a produzem*. E acrescenta: *no melhor dos casos, essa especulação confirma o que já está no texto ou fornece um aspecto acessório – sem jamais explicar o segredo da coisa: é no texto e tão-somente nele que se deve procurá-lo* (p. 64).

Importa salientar que é o fato de ser estudioso da história francesa do século XIX que transforma Oehler em um leitor ímpar da literatura contemporânea à Revolução de 1848. Como Benjamin, sua pesquisa sobre o período o fez revirar arquivos de museus, ler jornais da época por horas a fio. A busca pelo detalhe escondido nas dobras do tempo e do texto, a paixão por desvendar nexos implícitos, alegorias e textos elípticos faz dele um detetive atento.

A pesquisa histórica não diminui em nada a atenção ao texto, que *quanto mais coerência possui, tanto melhor ele deve afastar por si só todos aqueles mal-entendidos originários da falta de conhecimentos históricos do leitor* (p. 68). Segundo Oehler, somente quando a coerência interna de um texto ou de um documento não mais for o bastante ao intérprete é que ele deve recorrer aos materiais históricos fora deste.

É o que ele faz para esclarecer a fina ironia de Baudelaire ao colocar lado a lado, no final do *Salão de 1846*, um ministro e um criminoso prestes a ser guilhotinado. Isto para mostrar o quanto havia em sua época de temas modernos. Ao direcionar seu olhar para a história, ele foi movido pela desconfiança de que Baudelaire falava de um acontecimento verídico, e essa hipótese foi confirmada documentalmente nos arquivos da imprensa da época.

No centro das análises de Oehler não é difícil divisarmos a obra de Baudelaire, o poeta de *Les Fleurs du Mal*, sobre o qual Benjamin escreveu textos incomparáveis, chegando mesmo a afirmar que ele teria sido *um agente secreto – um agente da insatisfação secreta de sua classe com sua própria dominação*¹.

Assim como Benjamin, Oehler olha para o século XIX através da obra de Baudelaire, que, para ele, *foi um posto avançado na guerra da liberdade em que os beligerantes, sobretudo aqueles que pugnavam pela emancipação, não conheciam a si mesmos. Uma guerra na qual “o povo” não sabia distinguir entre amigos e inimigos e não tinha uma noção clara do objetivo da luta*².

O encontro de Oehler com os escritos de Benjamin é a marca indelével de toda sua produção, e é aí que se inscreve a diferença do seu trabalho com boa parte da produção de crítica literária que se fez na última metade do século XX e início deste.

¹ OEHLER, Dolf. *Quadros parisienses (1830-1448): estética antiburguesa em Baudelaire, Daumier e Heine*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. 16.

² *Idem, ibidem*.



Sem medo de assumir uma postura marxista, ele deixa claro que sua leitura é ideológica, e o que lhe interessa é identificar, nas obras que estuda, a marca da luta de classes. Neste sentido, já na introdução do livro, Oehler esclarece a escolha pelos autores: *cada qual à sua maneira, apresenta, analogicamente, a suposição sobre um sentido inaudito e o resguardo em relação a ele. A ironia dos textos facilita uma forma de apropriação conformista e conciliadora, sem cessar, no entanto, de contradizê-la* (p. 08). E mais adiante ressalta: *bem sei que não se deve esperar consenso total quando está em jogo uma interpretação ideológica, cada qual compreendendo apenas o que prefere compreender* (p. 84).

A própria dedicatória do livro a Roberto Schwarz não é desinteressada. As afinidades eletivas entre os dois vão além da atenção à forma literária. Ambos representam o melhor da crítica literária, cuja ressonância vai muito além da crítica materialista que, segundo Maria Elisa Cevasco, encontra na atualidade condições favoráveis à sua reflexão.

Não acredito em um renascimento da crítica literária de cunho marxista, mas sim em uma maior atenção e lucidez dos críticos e historiadores atuais para com trabalhos que desde a segunda metade do século passado se colocam ao nosso entendimento. Não acredito em seu renascimento porque não acredito em sua morte. Os trabalhos de Fredric Jameson, Perry Anderson, Roberto Kurz, Mikhail Bakhtin, Raymond Williams, Roberto Schwarz e Antônio Cândido, para pôr fim à lista, sempre foram vigorosamente materialistas na melhor tradição marxista.

Quando o primeiro livro de Oehler, *Quadros parisienses*, chegou ao Brasil em 1997, traduzido para o português, sua recepção provocou, através das páginas dos jornais, um debate bastante pertinente no campo da literatura, mais especificamente da crítica literária.

Em artigo publicado em 20 de abril de 1997, no jornal *Folha de S. Paulo*, o escritor, ensaísta e tradutor Modesto Carone saudou a obra como *um dos livros mais originais e consistentes já escritos sobre Charles Baudelaire (1821-1867) e certamente um dos mais relevantes da crítica literária moderna*. Carone, em sua análise, confirma as observações do crítico Roberto Schwarz em notas de “orelha” do livro, nas quais afirma: *a força de revelação deste livro é notável. As suas descobertas sobre a política embutida na escrita de Baudelaire mudam a idéia que fazemos da arte moderna, do ofício de escritor e da própria pesquisa literária*.

Modesto Carone chega a sugerir que a pesquisa de Oehler e seu livro são, na verdade, uma forma de responder aos insistentes questionamentos de Adorno sobre a necessidade de mediação histórica nos escritos de Benjamin sobre Baudelaire: *parecia evidente a necessidade de lastrear as intuições de Benjamin com uma pesquisa histórica abrangente*.

Carone e Schwarz estão em consonância com o próprio Oehler, que, por meio da estrada aberta por seus mestres (Adorno, Benjamin e Sartre) usa o texto literário para corroborar informações a respeito de uma dada realidade, recurso bastante usado pela Sociologia da Arte, que vê no objeto artístico traços, fragmentos e até a totalidade da realidade.

Sobre a leitura de Oehler, a professora de literatura da USP, Leyla Perrone-Moisés, escreveu na mesma *Folha*, no dia 11 de maio de 1997:

O método crítico de Oehler é, ao mesmo tempo, anacrônico e muito atual. Ele é anacrônico porque, como um marxista clássico, começa seu estudo por um “Painel histórico estético da Monarquia de Julho (1830-1848)”, o que pressupõe que a literatura é um efeito da História e que esta explica aquela.

A professora termina seu artigo, citando Marx na introdução de *Uma contribuição para a crítica da Economia Política*, na qual ele, ao discutir a relação entre arte e desenvolvimento social, pergunta como modelos antigos (cita a arte grega e a epopéia) *continuam a constituir para nós uma fonte de prazer estético e, sob certos aspectos, prevalecem como padrão e modelo superior*.



A obra de Oehler é tudo isto, instigante, polêmica e sobretudo atual. Como lava de vulcão, ela queima a sola dos pés dos cépticos que querem ver a obra de arte como desinteressada e pura, *l'art pour l'art* ou *poésie pure*. Imputar anacronismo à obra de Oehler é simplesmente ocioso, já que tal caracterização, quando autêntica, só se processa na constelação entre passado e presente.

Diz Benjamin na “Tese 16”: *o materialismo histórico não pode renunciar a um conceito de um presente que não seja ponto de passagem, mas que se assuma e se imobilize em seu linear*. E complementa: *o historicista pretende apresentar a imagem ‘eterna’ do passado; o materialista histórico, uma experiência dele que se coloca como única*³. Só o tratamento do passado como constelação permite a ele entrar na constelação do presente.

Ao eleger os acontecimentos de junho de 1848 em Paris, Oehler não vê apenas mais uma revolução na feira de motins parisienses, mas o acontecimento único por excelência, o momento no qual a burguesia disse ao mundo a que veio. Atento, capta o instante em que ela deixa cair sua máscara de preocupações universalistas e de espada em punho rechaça os proletários insurretos que com ela queriam dividir o poder após fevereiro de 1848. E é este olhar sobre o passado, renunciando às meras continuidades dos contatos entre este e o presente, que o faz incidir no “agora”. Como Benjamin, ele faz o passado se desprender do *continuum* do tempo e o acontecimento se coloca como único, incomparável. Assim, escovando a história a contrapelo, o acontecimento único instaura um “agora” que o torna apto a entrar em constelação com um presente bem determinado.⁴

³ BENJAMIN, Walter. *Sociologia*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1991, p. 162.

⁴ Cf. PASTA JR. José Antônio. O arcanjo e a revolução. *Jornal de Resenhas. Folha de S. Paulo*, 11 de dez./1999.

